

Correio dos Açores, 11 de Março de 2010

Tertúlia Açoriana - Carlos Sousa, músico e maestro (Belaurora)

“Pena é que a Universidade, a Rádio e a Televisão não registem a ‘memória’ dos açorianos antes que desapareçam”

“Somos depositários de uma riqueza incomensurável que, com o trabalho do Belaurora, veio à luz do dia. Pena é que, cientificamente e de modo sistemático, as nossas instituições, sobretudo a Universidade, a Rádio e a Televisão não dêem mais atenção à recolha e à pesquisa e conseqüente registo do muito que por aí ainda anda na memória de muitos que, pela idade, vão desaparecendo...”

Correio dos Açores – Nome, naturalidade e pseudónimo?

Carlos Sousa - Nasci na casa nº1, do Largo do Marujo, da freguesia das Capelas. Diz minha mãe que fui para a igreja para ser baptizado ainda sem nome. O Padre António Camilo Martins é que lembrou que, na véspera tinha sido o dia de São Carlos e assim foi, registaram-me como Carlos de Medeiros Sousa.

Nunca me escondi atrás dum pseudónimo, aliás, nem tenho categoria para isso.

Que profissão desempenha?

Neste momento sou um aposentado da Função Pública. Fui professor durante alguns anos, técnico e dirigente dos Serviços de Emprego dos Açores. Não tenho profissão, mas trabalho muito.

Como se sensibilizou para tocar música popular?

Desde muito pequeno habituei-me a ver instrumentos em casa. Meu avô tocava viola da terra; meu pai guitarra, violão e rabeça e, quando rapaz, saxofone na Banda União dos Amigos. Era um folião das cantigas ao desafio e mais tarde dirigiu uma pequena orquestra, onde eu também tocava violino (bem mal, por sinal). Sou o mais velho de 11 filhos e, nas férias do Verão, era vê-los e ouvi-los a cantar Chamarritas e Pezinhos, em gostosos serões à luz do candeeiro, com gente a assistir na rua, a aplaudir e a reclamar, quando o intervalo para fumar um cigarrinho era comprido demais.

Além dos Açores, já se apresentou em outros lugares? Quais?

Sim. Em vários: destaque para o Théâtre de la Ville, em Paris, Segóvia em Espanha, Hannover, na Alemanha, Estados Unidos e Canadá, passando pela Madeira, Canárias, Porto, Leiria, Batalha, Lisboa, e algumas cidades do Algarve. Cantámos em todas as ilhas dos Açores.

Como o público de fora recepciona a música Açoriana?

Muito bem. Recordo aqui o espectáculo que foi cantar em Paris para uma plateia de cerca de 1000 pessoas, de sermos escutados num silêncio impressionante e, no final, sermos aplaudidos de pé, com *encore* (o *encore* foi o Pezinho da Vila).

Recordo a Expo 98 em Lisboa, e a de Hannover, onde, ao cantarmos os ‘Olhos Pretos’, surge da assistência um vozeirão de tenor a entoar connosco as terminações das frases, em coro com os companheiros que o rodeavam. Soube depois que eram cantores de uma companhia de ópera em exibição na Expo 2000.

Recordo com saudade a nossa primeira ida a Toronto para a Semana da Cultura Açoriana; cantávamos todos os dias à noite, depois das conferências e, num determinado dia, em que fomos a uma Estação de Rádio para uma actuação em directo, interromperam a conferência para nos ouvirem pela rádio, sabendo que, dali a uma ou duas horas, estaríamos novamente com eles. Transcrevo aqui a apreciação de um jornalista espanhol que nos ouviu no Festival de Segóvia: *Mención especial a los grupos de Portugal, que todos los anos están representados en este festival. En mí opinión personal o mejor del ano pasado fue la presencia del desconocido hasta entonces en España grupo BELAURORA, una agrupación exquisita de la Azores, un numeroso grupo vocal que nos deleitó con maravillosas canciones del mencionado archipiélago portugués.* (Carlos J. Monje Pindado, 03-06-2003).

Qual o músico açoriano residente ou não nos Açores que mais aprecia?

Gosto de todos e aprecio-os vivamente. Entretanto queria sublinhar todos aqueles que tocam bem a viola da terra. Comovem-me e fazem-me vibrar o coração.

Agora na qualidade de 1º responsável e maestro do Grupo Belaurora: Quando foi fundado o Grupo? Como nasceu a ideia de fundar o grupo?

O Belaurora nasceu em 1985, Ano Internacional da Juventude. A ideia de fazer nascer um grupo desta natureza vinha fervilhando dentro de mim desde o tempo em que fui estudante no Seminário (anos 60). Depois a passagem por Angola, as experiências com grupos corais, e as circunstâncias de me terem proporcionado ser formador num Curso Elementar de Música, a que dei uma forte componente de solfejo e canto de temas da música tradicional açoriana, tiveram por resultado a formação de um grupo de rapazes e raparigas irmanados à volta de um projecto aliciante para estudo, preparação e divulgação da nossa tradição musical mais genuína. Com a ajuda imprescindível de todos, o projecto fez-se realidade e cá estamos a celebrar os 25 anos de trabalho ininterrupto.

Que temas o vosso Grupo prefere tocar? Se orientam pelas preferências do público ou seguem uma linha já estabelecida? O que o público mais gosta?

Somos um grupo de música tradicional e portanto não é de estranhar que a preferida seja precisamente a música folclórica dos Açores. Temos também alguns temas originais muito apreciados pelo nosso público mais fiel. Claro que, ao longo de um espectáculo ou actuação vamos nos apercebendo da preferência do público e é, frequente a adaptação do repertório às suas preferências, mas sempre dentro da música tradicional dos Açores. O público aprecia todos os temas na generalidade, mas o Pezinho da Vila, a Saudade e o Velho Pezinho (original de José F. Costa) são os mais apreciados.

Qual o espectáculo que mais o marcou a si pessoalmente? E ao Grupo?

Sem dúvida o do Théâtre de la Ville em Paris, sobretudo pelo que envolveu: contrato, viagem, público francês, volta no Sena... êxito, ou melhor, satisfação pelo cumprimento eficaz do objectivo. Fomos a quinta presença portuguesa naquela sala de espectáculos; antes de nós: Amália Rodrigues, José Afonso, Trovante e Madredeus.

Projectos do Grupo para o futuro?

A nossa carreira parece-me prestigiante precisamente pelo que tem dado à preservação da nossa cultura musical. Somos depositários de uma riqueza incomensurável que, com o trabalho do

Belaurora, veio à luz do dia. Pena é que, cientificamente e de modo sistemático, as nossas instituições, sobretudo a Universidade, a Rádio e a Televisão não dêem mais atenção à recolha e à pesquisa e conseqüente registo do muito que por aí ainda anda na memória de muitos que, pela idade, vão desaparecendo, levando consigo tudo o que sabem. O Grupo tem entre mãos a celebração dos seus 25 anos. Está a trabalhar a edição do seu 9º trabalho discográfico e ando a preparar, com muito custo e trabalho, uma monografia que vai reunir grande parte do espólio do Belaurora.

Que importância atribui aos músicos, tocadores e poetas populares na cultura açoriana?

Toda a importância. Afinal são eles, os nossos tocadores populares, os nossos cantadores ao desafio, os nossos músicos e artistas, que continuam, no seu dia-a-dia, a preservar e a enriquecer a nossa cultura através da música.

Elementos do Grupo:

Ana Medeiros, Carlos Sousa, Eduardo Medeiros, Francisco Nascimento, Isabel Meireles, Lúcia Lucas, Margarida Botelho, Micaela Sousa e Rui Lucas.

Belaurora está a preparar a celebração das bodas de prata.

Afonso Quental

afonsoquental@hotmail.com